

THALASSA

LISBOA, 1 de Fevereiro de 1915

O PRINCIPE REAL



D. Luiz Filippe

(ASSASSINADO NO DIA 1 DE FEVEREIRO DE 1908)

D. CARLOS I

(O MARTYR)

"Só bastantes dias depois é que o povo pode ver que isso to regicídio fôra uma cousa seria".

(Carlyle - História da revolução franceza).

Dizem que o tempo é o supremo reparador de todas as injustiças. Se assim é, julgo que não vão corridos annos bastantes para que, na plenitude de uma incorruptível imparcialidade, se possa sentenciar o que houve de criminoso n'esse attentado, no regicídio, onde os triumphadores da actual momento politico vão fiar a causa efficiente do advento da republica. Ha ainda quem suponha que a propriedade individual torna aquelles que a freem propensos á generosidade e ao perdão. Mas, n'esta inversão de todas as cousas e de todos os principios moraes que constitue a fundamental psychologia de um paiz onde parece perdida a noção de todos os dogmas capazes de conter a sua feroz bestialidade, deve de ser baldado empenho pedir-se á postuma justiça dos homens que requeiem, de uma vez, para o canto escuro das suas inabagáveis vergonhas o culto dos criminosos que n'uma triste tarde nevôenta de fevereiro atacaram, a carruagem onde com os seus, o Rei D. Carlos que recolhia ás Necessidades, depois de uns dias de uma curta ausencia em que se comprazia de repousar das inquietações da arrevessada politica em que se iam obliterando todas as boas normas do governo dos povos.

Uma logica extremamente simplificadora, desvaizara a opinião dos que personalisaram no Rei a origem superior das suas contrariedades politicas: o crime foi a solução suggerida pelo espirito sectario, aquecido ao rubro nos mysterios das associações occultas cuja moral devera ter denunciado o repugante assassinato perpetrado nas arribas de Cascaes para estrangular definitivamente na garganta de um associado o receio de indiscretas confissões.

A cegueira era bastante geral para que pudesse alguém pre-conisar com successo uma repressão que era apenas o legitimo emprego de um direito de defesa. A cobardia, a desordem dos espiritos, o aquecimento das mesquinhas paixões, colligara-se para toidar aquella clara razão de que carecem os dirigentes para ao empregar os meios susceptiveis de plena efficacia, unico expediente capaz de impôr-se nos momentos criticos em que, perdida a consciencia dos deveres, os homens se lançam desentreadamente na pratica dos actos violentos que lhes sugere a paixão.

El-Rei D. Carlos symbolisava um regimen que os seus servidores desacreditaram pelos seus erros, em que, por sua vez, os vivos acarretaram herdadas responsabilidades. Eram erros que *viam de longe*, conforme a lapidar expressão de uma carta sua dirigida a um dos seus mais leaes ministros e devotado amigo. Mas nem por terem remota origem elles pesavam menos no julgamento simplista do povo. E a victima immolada foi aquelle que menos culpas poderia ter, visto que não foi nem o homem generoso e bom do tracto familiar, nem o artista delicado, nem o pae carinhoso, nem o *patrão* cheio de bondades e perdão para a domesticidade que o servia, que os regicidas quiseram trucidar. Elle era o symbolo, a força unica capaz ainda de redourar o brasão da monarchia: atigurava-se ser o obstaculo maximo rompido o qual se iniciaria uma nova *egira* de muitas liberdades fruidas, um plenario de fortunas, onde as equaldades sociaes se afeririam pelo gozo geral de um bem-estar sem antecedencias e sem curvas. O erro do raciocinio revelaram-no doos annos consecutivos do regimen monarchico. Mais que a vontade dos homens, os desgnios de Deus lograram salvar a vida de um principe. O symbolo permaneceu e com elle o regimen que nada aprendera com a severa lição dos factos. Viu-se depois que o vicio fundamental era mais profundo. Se os que prepararam o regicídio, julgando que o Rei era o estorvo, tivessem a precisão que denuncia um *homem de estado*, e possivel que houvessem libertado a propria consciencia d'essas responsabilidades a que os codigos humanos não dão ás vezes satisficção, mas que nem por isso deixam de existir e perturbar a paz do espirito nas horas de um intimo recolhimento dentro de nos mesmos. Viu-se depois que o crime foi inutil: nem uns aprenderam nem outros lograram mudar a marcha dos acontecimentos, acelerar o advento de felicidades que ainda hoje não são senão incoerciveis visões com que embalsamos uma miseria moral em que eu sinto que me atundo com a nação.

Maldita seja pois a memoria dos homens cujo crime não foi uma redempção e apenas serviu para que os outros povos nos tentam reingado para os limbos onde o desprezo é a corrente mooda de retribuição dos nossos serviços. Será talvez cedo ainda para que o culto d'esse martyr constitua um dos elementos de uma religião reparadora. Os que elle amou e o deixaram assassinar sem castigo... ainda não soffreram bastante...

Fevereiro de 1915.

J. d'Azevedo Castello Branco.



Visita do Imperador Guilherme II d'Allemanha, a Lisboa



Visita do Rei d'Inglaterra Eduardo VII, a Lisboa



Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amelia, quando ainda era Duquesa de Bragança, com o futuro Príncipe Real D. Luiz Filipe.

A EXPIAÇÃO

Jesus não dorme. A Justiça não esquece... Não ha sangue derramado que se não pague, crime ou atrocidade que fiquem impunes, erro, fraqueza, ingratitude que, mais tarde ou mais cedo, se não expiem dura e implacavelmente.

O sangue real, vertido em 1 de Fevereiro, pela maldade fanatisada, pelo sectarismo criminoso e ignaro, cahiu sobre todo um povo n'um tremendo castigo, — que são quatro longos e tormentosos annos de tyrannia, de violencias, de extorsões, de affrontas, de sacrilegios, de miseria, de penuria, de angustias, de torpezas, de dissolução, de decadencia, que tornam este periodo sinistro um dos mais tristes, dos mais sombrios, dos mais aviltados da nossa historia.

Matou-se o tyranno (tyranno... que era a encarnação da bondade indulgente e generosa!) — e logo centenas de verdadeiros tyrannos, como uma alcaetia de lobos: cruéis e sanguinarios, surgiram de toda a parte, perseguindo, estropeando, agredindo, encarcerando, assassinando, n'um delirio de des-humana ferocidade.

Pretendeu-se cobrir esse crime abjecto com o manto da liberdade — e essa liberdade tem sido os ergastulos atulhados de milhares de prisioneiros, os tribunales de excepção, as atrocidades dos esbirros, a imprensa amordaçada pela censura ou violentamente assaltada pelos discolos a soldo da demagogia triumphante.

Justificou-se o crime com os decretos scelerados de 31 de Janeiro de 1908, que estabeleciam a proscripção para os delictos revolucionarios, mas proscripção sentenciada por um tribunal, onde se davam todas as garantias de defeza, — e as proscripções é agora que se applicam, sem lei, sem processo, sem julgamento, discretionarymente ordenadas por um simples mandado policial, e sobre provas que só por irrisão se podem chamar provas... *moras*.

A ordem antiga, com todos os seus direitos e immunidades, com uma magistratura independente, uma auctoridade responsavel pelos seus actos, essa ordem, vasada nos moldes da civilização politica contemporanea, — subverteu-se por completo. Quebrou-se a tradição. Cuspiti-se impiodosamente sobre o passado. Substituiu-se a competencia experimentada pela audacia ignorante e fatua, a consciencia; civica pelo banditismo explorador. E, como consequencia n'uma convulsão de anarchia, espalhou-se por toda a parte o terror, a ruina, a desolação, o desespero, a revolta.

Todo o drama nacional derivou d'esse crime, porque elle

A Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amelia

E Vós, Senhora?...

Um triste pensamento se alarga para Vós n'esta hora afflicta, absorvido na dôr que Vos agita... revestido de negro paramento!...

Volve a data de lugubre tormento:
Dir-se-hia que da abobada infinita,
mais rijo sopra o vento de desdita
que nos leva no mar do soffrimento!

Mas sempre uma alma inquieta e desgraçada,
um dia ou outro, á luz d'uma alvorada
esperanças recupera que perdeu!

E para Vós, em vão! Em vão cá fóra
acaba a noite e recomeça a aurora...
Para Vós nunca mais amanheceu!...

1 de Fevereiro de 1915.

Branca de Gonta Colaço.

A collaboração d'este numero do «Thalassa» vae pela ordem com que foi recebida na redacção.

não foi só de lesa-Magestade, foi tambem de lesa-Patria. Não se trucidaram apenas dois homens, dois principes: — assassinou-se um Príncipe, principio com que estavam consubstanciados os nossos destinos e sob cuja egide se acobertava todo um systema de instituições, de liberdades, de garantias, que era a solda armatura juridica e ethica da sociedade portugueza.

Parece, porém, que esse attentado não se revelou á consciencia nacional em toda a sua hediondez. Por medo, por tibieza de sentimentos moraes, de convicções politicas, contemplámo-lo, com magua decerto, mas sem aquelle indignado horror que o crime inspira ás almas fortes. Só uma grande e nobre voz, sahida d'um grande e nobilissimo coração, coração incomparavel de Amigo fidelissimo e de Servidor leal e intemerato, lançou clamorosamente, energeticamente, durante dois annos, o seu grito de **Justiça!** á face dos cumplices moraes do regicídio e dos que tão frouxamente promoviam, esquecendo o seu dever, a reparação do monstruoso delicto. Ah! esta fraqueza, esta ingratitude, bem duramente a estamos pagando!...

Em S. Vicente, o Rei e o Príncipe, o pae e o filho — uma força e uma esperanca, uma amadurecida vontade em pleno vigor e uma juvenil e ardente aspiração patriótica — lá dormem o ultimo somno, lado a lado, tão unidos na morte como o haviam sido na vida. Para elles, a justiça da Historia já começou instruindo o seu processo. O monarcha infamemente calumniado já é hoje o *grande Rei*, o *Rei diplomata*, o *Rei patriota*; e a figura do gentilissimo Príncipe cresce todos os dias, no seu glorioso gesto de abnegação e de heroismo, cahindo como um bravo, d'armas na mão, para defender, como filho, o seu Pae, como soldado, o seu Soberano, como portuguez, a mais alta Personificação viva da Patria!

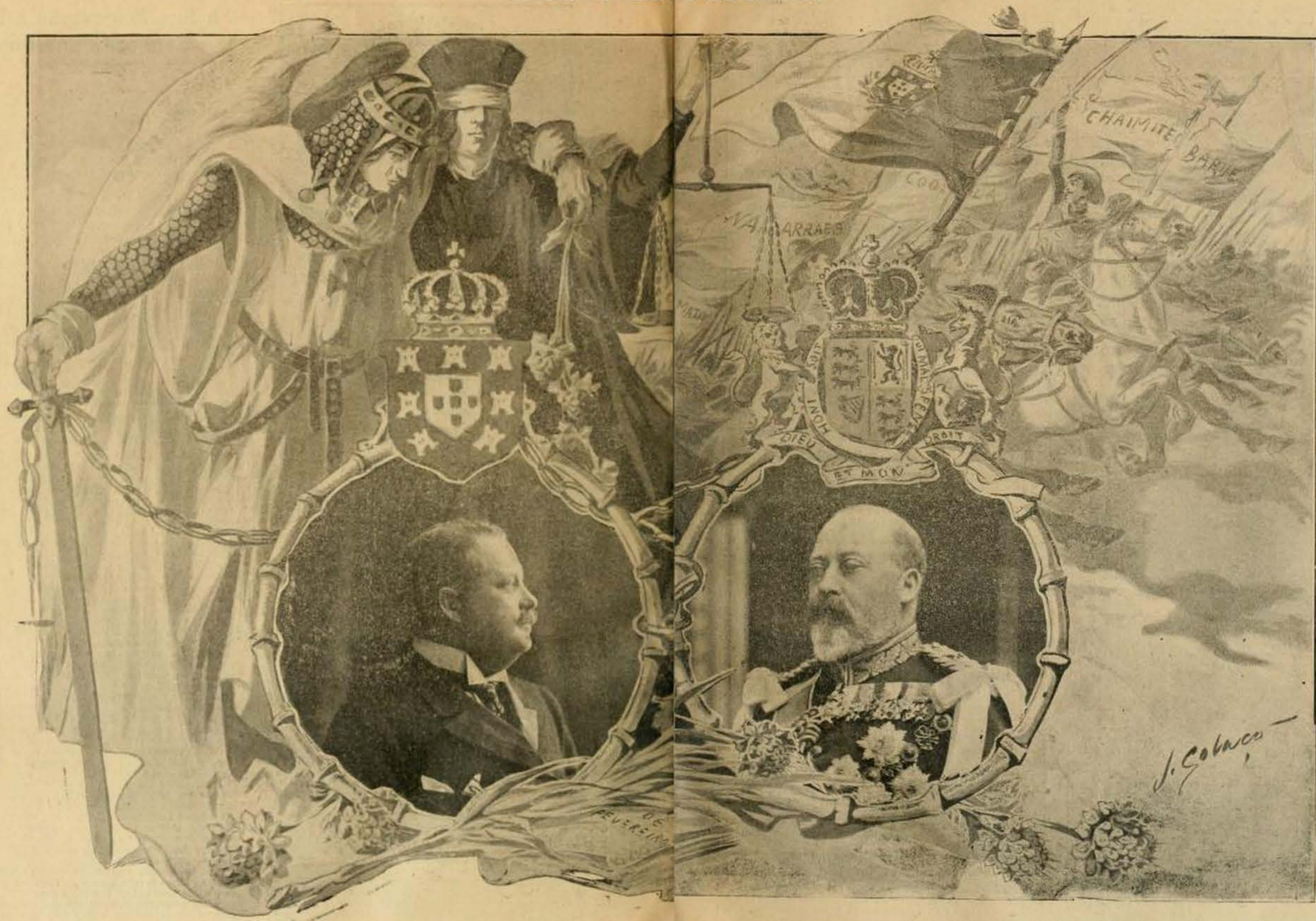
Mas, para a Nação, que não soube honrar condignamente os seus Martyres, nem vingar as victimas que, por ella, foram immoladas — o castigo, já tão duro e tão longo, parece ainda afastado do seu termo. A Nemesis inflexivel não se mostra satisfeita. Severamente, com o seu compasso, ella mede a proporção entre a falta e a pena. E tão grande considera aquella, que vae prolongando esta, fazendo-nos beber até ás fezes o calix amargo da expiação.

Mortos amados e venerados, que em muitas almas portuguezas tendes um culto ardente de respeito e de immortaldouza saudade, dizei á Deusa inclemente que perdoaes, na vossa magnanima generosidade, as impiodosas faltas para com a vossa memoria — para que cesse, enfim, tanta miseria, tanta crueldade, tantas lagrimas, tanta desventura, tanto abatimento, que tão sombria e sinistramente entristecem e enluctam esta pobre, desgraçada e querida terra de Portugal!

Luiz de Magalhães.

À MEMORIA D'ELREI D. CARLOS I

HOMENAGEM AO THALASSA.



A grande amizade pessoal d'estes dois Reis irmanou dois povos consolidando a sua secular aliança. Foi no tempo do d'El-Rei D. Carlos que se deram as epopeias mais brilhantes do exercito portuguez dos nossos dias; e foi durante o mesmo reinado que as relações externas de Portugal chegaram á sua mais alta culminancia. A Historia Patria chora o grande Rei incomprehendido e martyrisado que a Justiça serena e fria julgará através dos tempos.

IN MEMORIAM!

Na hora sombria em que de Portugal veem alarmantes notícias sobre uma crise muito mais nacional do que política, eu, n'esta terra estrangeira, onde não chegam as paixões que ahí se convulsionam, levo, serena e tristemente, a minha homenagem piedosa ás paginas enluctadas que *O Thalassa* dedica á memoria, saudável sempre, — e que o martyrio tornou santa — dos dois reis assassinados em Lisboa na tarde tragica de 1 de fevereiro de 1908...

Para o Senhor D. Luiz Filipe o Seu reinado só teve a duração, quasi de relampago, dos minutos que passaram entre aquelle pavoroso instante em que uma bala cortou, de subito, a vida de Seu Paç e o momento em que, logo depois, no Arsenal, lhe pulsava, pela vez derradeira, no peito juvenil, o coração nobilissimo.

Este principe, cujo perfil insinuante guardo na minha memoria como uma recordação inapagavel e doce, quasi não teria historia se lh'a não fizesse o lance épico em que perdeu a vida!

Nas invocações ternas dos que o amaram e na sympathia carinhosa com que d'Elle não de fallar sempre os que o conheceram, o Principe D. Luiz Filipe pertence mais ao dominio dos corações do que ao julgamento da Posteridade.

Aos 20 annos, o Duque de Bragança era, apenas uma promessa... Risonha, certamente, pelo brilho e pela cultura do seu espirito e não menos pela bondade, que ha-de ser, em todos os povos e em todos os tempos, um dos mais fulgurantes apagaços e uma das mais fortes armas da realzaça.

Não terá a Historia de traçar, com a sua severidade inflexivel, a sentença que haja de definir-lhe os feitos através os seculos.

Era D. Luiz só uma promessa...

Mas eu tive sempre n'elie, embora apenas esboçada, uma esperança ardente e fervorosa. Não poucas vezes, fixando-o — de longe quasi sempre, pois frequentava eu raramente os paços reais — sentia-me atrahido para aquelle Principe, por uma sympathia irresistivel e estava seguro de que no dia — trouxesse-o Deus bem distante! — em que fosse chamado ás altas responsabilidades régias, assumi-as-lhe Sua Alteza Real com a gallardia d'um descendente de D. João II e tambem com a bravura d'um trisneto de D. Pedro IV.

Inclino-me ante os imprescritaveis desígnios da Providencia, que puzeram tão prematuro e cruel termo á minha dourada esperança! Mas, ainda hoje, me não relembro, sem que sinta dentro d'alma um trio de morte, da hora terrivel em que, a poucos metros de distancia do logar da tragedia, tive a confirmação fatal de que era já um cadaver o Principe tão querido ao meu coração de seu leal e obscuro amigo, e a Quem, a minha phantasia, ainda não batida pelos vendavaes das supremas desilusãoes posteriores, vaticinára um reinado venturoso, aberto a todas as actividades intelligentes e a todos os esforços honestos e desinteressados.

Mataram-no aos 20 annos, quando se erguera para defender, com o seu braço, o corpo já inanimado do Paç! Não conheço, na historia patria, na historia tambem d'outros países, episodio de mais vibrante intensidade dramatica, nem poderia um principe sonhar o seu fim mais aureolado de luz — a luz que se não apaga sob o nevoeiro dos seculos, a luz que ha-de scintillar sobre o seu nome, enquanto nas terras da nossa patria não deixe de palpitar o coração do ultimo portuguez que tenha sabido sentir!

De Sua Magestade o Senhor D. Carlos I ha-de a Historia fallar um dia. Basta, porém, a hora ultima d'esse Rei, morto no seu posto, para que o epitheto de valente, aliás já tão honrosamente ganho, esteja escolhido d'antemão para ser gravado em seu humbre epitaphio.

Da politica interna a que presidiu, e norteou sempre e indiscutivelmente n'um sincero amor patrio, não podem ser julgadores os que a incitaram ou os que a combateram — A que elles, se falassem, dir-ao-lhe que accorriam a uma justificação ainda apaixonada! os outros, deprimindo-O cahiriam na vileza e exaltando-O pareceriam apostatas, a queimar, junto d'um humulo duplamente sagrado, os incensos d'uma contracta hisonja!

A Morte, na sua magestade angusta, só deixa arder em volta dos sarcophagos, d'onde se arreda o sacrilegio, o fogo purissimo, immaculado, da Verdade. E a Verdade só ressaltar, justiciera e dominadora, quando, já repousados no somno de que se não desperta, não todos, os homens publicos e os jornalistas d'esse reinado, tivermos dado conta — que a expiação tremenda dos ultimos annos não redime — aquella Justiça Soberana, que sentença e nivela no equalitario tribunal do Absoluto, os reis e os povos...

Mas no reinado do Senhor D. Carlos I ha alguma coisa —

e de quanta grandeza! — que não aguarda, para a sua consagração já definitiva, o decurso apaziguador do tempo!

Quero referir-me ao que se deve na politica externa de vinte annos de reinado á Sua acção pessoal e directa — á mais efficaz e poderosa cooperação que podiam encontrar os homens d'Estado, alguns d'elles de insigne competencia, e todos sinceramente patriotas, que occuparam n'esse longo periodo e em crises angustiosas a pasta dos negocios estrangeiros.

Reinado foi o do Senhor D. Carlos que, tendo encontrado, logo d'entrada, o ultimatum britannico, a duas semanas da cerimonia da aclamação! — soube dar-nos uma situação privilegiada na Europa, em alegres dias de que hoje, fulminados por um confronto aterrador, nos recordamos com magua inconsolavel!

Não foi só a revalidação da aliança com a Grã-Bretanha, a que correspondeu a segurança da integridade do vasto imperio ultramarino da nossa historica soberania...

Mas, conjunctamente, fez-se uma tão habil politica internacional, que Lisboa ponde festejar, em tempos quasi d'hontem e tão differentes d'hoje que já parecem... de seculos idos! — a nobre e inolvidavel figura do grande amigo de Portugal o Rei Eduardo VII, a graciosissima Rainha e Imperatriz Alexandra, Guilherme II, Imperador d'Allemanha, Alfonso XIII, Rei de Hespanha e o Presidente da Republica Franceza! Todos esses representantes de grandes potencias europeas, atravessaram Lisboa, que era ainda então a mais hospitaleira e segura capital europea, em soberbos cortejos historicos, entre vibrantes e unisonas acclamações, enquanto no bello estuario do Tejo, hundeadas algumas das mais fortes esquadras do mundo, fluctuava a bandeira azul e branca, que nos topos dos mastros reaes era saudada pelo troar dos mais potentes canhões.

Quem evocar estes factos d'um passado tão recente — e que se tornam esmagadores, na sua infindavel significação, ante as miserias dissolventes do presente! — antecipa-se ao julgamento da Historia e vai dar-lhe o bronze em que moldará o perfil inconfundivel d'esse Rei, em tudo e por tudo tão portuguez — até na fidalga magnanimidade d'animo! — que se chamam Dom Carlos de Bragança!

Tenho, ao escrever estas sentidas e expontaneas palavras, um grande contaço na alma,

Eu que, nunca fui seu amico nem lhe devi um favor, serci insuspeito para d'Elle falar assim.

Está morto! já nada pode...

E' por isso que eu não hesito em ajoelhar, reverente e comovidamente, ante o seu athaude, a render-lhe com o meu coração este preto de homenagem... e de Verdade!

Na quadra de agonia que atravessamos — dias talvez decisivos nos destinos d'uma secular nacionalidade! — julgo que a commemoração do crime de 1 de fevereiro de 1908 não pode fazer-se, apenas, com preces e com lagrimas...

A's orações ha-de escutar as Deuses: mas se o sangue do martyrio não houvesse merecido logo a Divina Clemencia, como a conquistaríamos nós outros?

Lagrimas, ha-de correr, amarissimas, de olhos angustos que viram n'aquella tarde sinistra o maior de todos os horrores humanos e ha-de ver ainda agora — e sempre! — como se na retina outra visão jamais pudera fixar-se — as imagens, redivas na saudade, que o coração para sempre guarde inapagaveis, immutaveis...

Mas os povos teem deveres muito mais altos — e este será até de reparação!

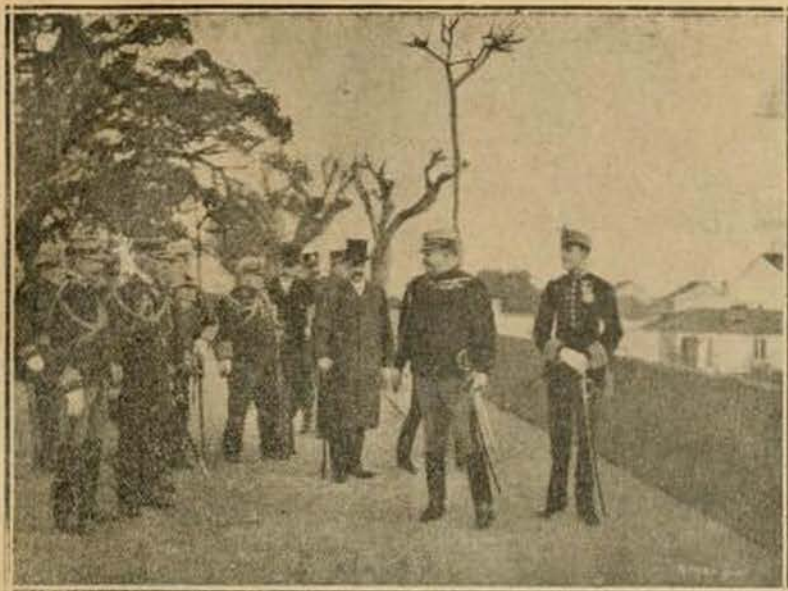
Nós teemos, os monarchicos portuguezes, de jurar á memoria de D. Carlos I, agora que, no anniversario commemoração, Elle ressurge para nós, transpondo os humbraes do tumulo e em toda a grandeza espectral da sua figura de rei assassinado, que faremos do moribundo Portugal d'hoje, *custe o que custar*, aquelle Portugal que fôra a Sua mais bella e constante aspiração; temos de prometter-lhe que, com nossas mãos, uma historia esmaltada de glorias, se não converterá em farrapo de ignominias, e d'ella faremos, como D. Carlos I a queria, no universal respeito, um trophéo d'Honra! Então, quando assim fór, quando as esquadras voltarem a sulcar, em jubilo dia, as aguas do nosso Tejo, e, aquém e além-mar, as bandeiras das grandes nações saudarem na de Portugal o povo que, á sombra da Cruz e sob os signos de Aviz, deu á civilisação ignotos mundos, o ingente monumento a D. Carlos I estará erguido: *um Portugal novo!*

Será bem digno d'Elle! Maior não o haverá! Então, em S. Vicente de Fóra, onde os echos distantes das celebrações festivas, irão quebrar o silencio religioso da crypta solitaria, o Rei e o Filho bem amado ha-de descerar os seus labios gelados, abrindo-os n'um sorriso feliz: o seu sangue fóra redemptor!

E o sol de Deus illuminar-lhes-ha emlumi, na paz bendita, o dia eterno d'uma gloria immortal...

Madrid, 24 de Janeiro de 1915.

J. A. Moreira d'Almeida.



Visita do Rei de Hespanha, Affonso XIII, a Lisboa

Janeiro, 20 de 1915;

]... Senhores.

Recebo a honra do convite para acompanhar *O Thalassa* na comemoração dolorosa do dia 1 de Fevereiro de 1908.

Agradeço, obedecendo. E em breves palavras deixarei correr aqui um pouco, d'essa muita tristeza, funda e sem remedio, reavivada nos intimos do espirito, com redobrada agudeza, cada vez que o anniversario se repete.

Palavras de pezar, puras e simples, sem recriminações nem comentarios, conforme as pede o coração, subindo atraz das suas comovidas lembranças, até ás atmosferas serenas, onde Deus decerto guarda Aquelles dous nobres sacrificados.

No recolhimento da imaginação evoco a Sua figura, e torno a vêr, como se hoje fôra, os primores da sua presença, sempre acolhedora e amavel, e torno a sentir o reconforto e a attracção nunca esquecida d'essa intelligencia, cultura e bondade, que tão caracteristicamente os distinguia, medindo, atravez do prazer amargo d'este convivio de remi-

niscencias, toda a extensão da perda irreparavel que soffremos. Entro depois na Igreja, e rezo por Elles.

E elevando a alma para o Deus de todas as Misericordias, peço-lhe, — e sei que assim correspondo precisamente aos desejos dos dois Mortos saudosos, — peço-lhe, — repito, — que faça reverter a bem de uma Patria, que Elles tanto amaram, esse sangue tão corajosamente vertido no exercicio leal e intemerato das Suas funcções reaes.

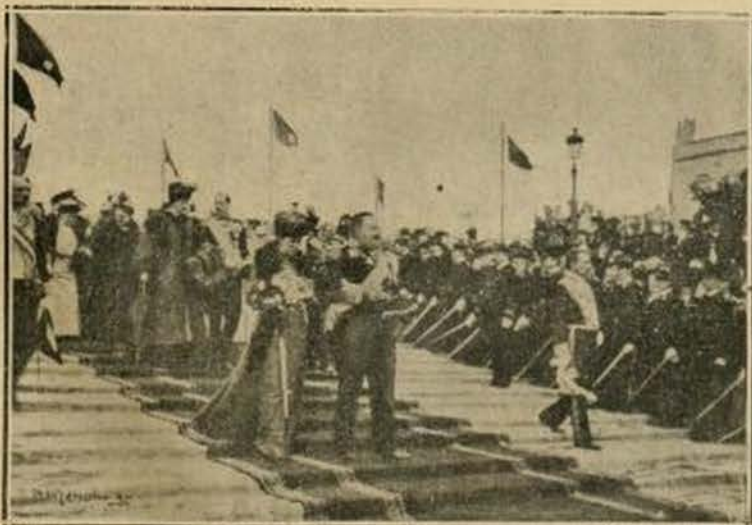
Eis, em resumo, o quadro fiel da minha vida d'espirito no dia 1 de Fevereiro, semelhante decerto na sua simplicidade e na sua intensidade, ao que possam ao mesmo tempo, muitos bons e verdadeiros portuguezes, e nomeadamente os bons e verdadeiros portuguezes d'*O Thalassa*.

Saudando e acompanhando esses bons e verdadeiros portuguezes, n'esta sentida communidade de pensamentos, sou sempre com a consideração mais elevada e affectuosa

De V. ...

Att.º V.º e amigo certo e muito grato

Henrique de Paiva Couceiro.



Visita do Rainha Alexandra e do Príncipe da Dinamarca, a Lisboa

NO REINADO D'EL-REI D. CARLOS



Visita do Presidente da republica franceza mr. Loubet, a Lisboa



Visita dos Duques de Connaught - (Grupo tirado em Cintra)